FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER

# HISTÓRIA DE

# MARICOTA

Pelo Espírito de CASIMIRO CUNHA

*

FEDERAÇ ÃO ESPÍIRTA BRASILEIRA

DEPARTAMENTO EDITORIAL

Rua Souza Valente, 17

20941-040 – Rio – RJ – Brasil

**6ª edição**

Do 46° ao 55° milheiro

Arte de

LUIZ CÉSAR ALVARENGA

B.N. 7.715

52-BB; 000.01- O; 12/1992

*Copyright 1946 by*

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA

(*Casa-Márter do Espiritismo)*

Av. L-2 Norte – Q. 603 – Conjunto F

70830-030 – Braília DF – Brasil

*Composição, fotolitos e impressão offset das*

*Oficinas do Departamento Gráfico da FEB*

*Rua Souza Valente, 17*

*20941-04-0- Rio-RJ – Brasil*

*C.G.C. n° 33.644.85710002-84 I.E n° 81.600.503*

*Impresso no Brasil*

PRESITA EM BRAZILO

**INDICE**

*Aos amigos pequeninos*

I. Maricota Serelepe
II. Malcriada
III. Indisciplinada
IV. Vadia
V. Preguiçosa
VI. Maldosa
VII. Desviada
VIII. Morta
IX. Aflita
X. Castigada
XI. Atormentada
XII. Suplicante
XIII. Amparada
XIV. Corrigida

## AOS AMIGOS PEQUENINOS:

**Meu amigo pequenino,**
**Que já pensa que já lê,**
**Nosso Pai que está nos Céus**
**Tudo sabe tudo vê.**

**Seu braço forte e invisível**
**Protege-nos, de mansinho;**
**Em qualquer lugar do mundo,**
**Ninguém estará sozinho.**

**Muito cedo, manhãzinha,**
**Quando a luz do dia escorre,**
**Escapa você da cama**
**E Ele sabe o que lhe ocorre.**

**Escuta-lhe as orações**
**De graça, louvor e fé...**
**Vê seu pente, sua escova,**
**Sua roupa, seu café.**

**Ouve tudo quanto diz**
**À querida mamãezinha.**
**Segue-o de perto, na sala,**
**No banheiro, na cozinha.**

**Acompanha-lhe, bondoso,**
**Os estudos e os brinquedos;**

**Para seus olhos divinos,**

**Não há sombras, nem segredos.**

**Observa, atentamente,**

**Suas palavras e ações,**

**No lar e na escola amiga,**

**Na rua e nas refeições.**

**Sorri contente e feliz,**

**Por encontrá-lo no bem;**

**Mas, se você faz o mal,**

**Lamenta como ninguém.**

**Conforme agimos na vida,**

**Concede-nos de seus dons;**

**Se dá corrigenda aos maus,**

**Premia a conforta os bons.**

**Trabalhe e estude contente,**

**Sem descuidos de você.**

**Não se esqueça meu pequeno,**

**Que Deus tudo sabe e vê.**

**CASIMIRO CUNHA**

**Pedro Leopoldo, 14 de agosto de 1946**

# I

## MARICOTA SERELEPE

Maricota Serelepe
Era menina travessa...
Não havia disciplina
Que lhe dobrasse a cabeça.

Gostava de más respostas.
Na escola, em casa, nas ruas,
Vivia desordenada
A fazer sempre das suas.

Em vão, ganhava conselhos
Dos amigos para o bem.
Maricota Serelepe
Não atendia a ninguém.

Não era apenas sapeca;
Fugia a qualquer dever.
Vivia a brutalidade,
Fazia o mal por prazer.

# II

## MALCRIADA

A mamãe aconselhava:
- Minha filha, veja lá!
O Céu castiga a menina
Que se faz grosseira e má.

A pequena respondia:
- A senhora nada sabe.
Concluindo num cochicho:
- Gente velha que se acabe.

A professora também
Lhe falava, com carinho:
- Maricota, minha filha,
Não saia do bom caminho!

A aluna desrespeitosa
Dizia cabeça tonta:

- O que eu fizer professora,
Não será de sua conta...

## III

## INDISCIPLINADA

Aos onze anos bem-feitos,
Agindo e vivendo às cegas,
A menina endiabrada
Era o terror dos colegas.

Desprezava os bons avisos.
Por mais se lhe castigasse,
Resistia às punições,
Perturbando toda a classe.

Rasgava livros, cadernos,
Esvaziava tinteiros,
Lançando borrões escuros
À roupa dos companheiros.

Tanto fez, tanto saltou
A endiabrada menina,
Que foi expulsa, mais tarde,
Em favor da disciplina.

## IV

## VADIA

Desde então, ficou sabendo
A vadiagem de cor;
Sem conselhos e sem livros,
Ficou pior, bem pior!...

Dizia, à mamãe bondosa,
Que prosseguia a estudar,
Mas punha-se, em plena rua,
A mentir e perturbar.

Não lhe chegavam agora
As horas grandes do dia.
Depois de fechada a noite,
A endiabrada fugia...

Aprendeu na malandragem
O furto, o assovio, a vaia;
Em breve tempo, encontrou
Meninos de sua laia.

## V

## PREGUIÇOSA

Escapulindo ao trabalho,
Expulso dos bens da escola,
Fazia-se pobrezinha,
Saindo a pedir esmola.

Enganava os transeuntes,
Prendendo-lhes a atenção;
Xingava o trabalho sério
E tinha horror ao sabão.

Como o pássaro ocioso,
Que a todo dia se atrasa,
Maricota Serelepe
Raramente vinha a casa.

A mãe bondosa rogava
Mais cautela, mais juízo,
Mas a menina exclamava:
- De conselhos não preciso!

## VI

## MALCRIADA

Atacava os cães amigos
A vozerio e pancadas;
Tratava todo gatinho
A brasa viva ou pedradas.

Se avistava a palha seca
Da casa dos passarinhos,
Não hesitava um minuto:
Vibrava golpes nos ninhos.

Matava filhotes tenros

Com grosseria sem-nome;
Prendia as aves canoras,
Exterminando-as à fome.

Se passava no terreiro,
A galinhada fugia,
Sabendo que Maricota
Vibrava pancadaria.

## VII

## DESVIADA

De rua em rua, a esconder-se,
A menina, a passo curto,
Era um demônio pequeno,
Exercitado no furto.

Varando portas estreitas,
Pulando grandes janelas,
E burlar as sentinelas.

Espreitava nas quitandas
O instante exato das vendas,
Para assaltar os meninos
Carregados de encomendas.

Fosse qual fosse o momento,
Horas claras ou sombrias,
Roubava doces, brinquedos,
De lojas e padarias,

## VIII

## MORTA

Um dia, furtando jóias,
Maricota teve a mão,
Que se agitava com pressa,
Mordida de escorpião.

Era o castigo final,
À maldade, à rebeldia;
Maricota Serelepe
Caiu em breve agonia.

Pilhada por delinqüente,
A menina envenenada
Foi conduzida ao socorro,
Deprimida, envergonhada.

Não lhe valeu, todavia,
O tratamento mais forte...
Findo o dia doloroso,
Em ânsias, rendeu-se à morte.

## IX

## AFLITA

Distante do corpo frio,
Maricota, sem repouso,
Notou que a morte era um anjo
De olhar terno e carinhoso...

Ajoelhou-se a coitada,
Chorou e pediu assim:
- Mensageiro da Bondade,
Compadece de mim!...

- Minha filha – disse ele -.
Desejava auxiliar,
Mas, há monstros que te buscam,
Chegando de toda a parte.

Depois de um minuto longo,
Afirmou, cheio de dor:
- Ah! Filha repara em torno,
Pede o perdão do Senhor.

## X

## CATIGADA

Maricota não mais viu
A luz do emissário santo;
Olhando em redor gritava,
Tomada de enorme espanto.

Buscava correr em vão...

Oh! Não, não queria ouvi-lo!
Eram serpentes, dragões,
Lagartos e crocodilos.

Os monstros, porém, chegavam...
Um deles, grande inimigo,
Disse a ela: - “Maricota,
Agora estamos contigo.

Somos filhos da maldade
- Prosseguiu forte e iracundo -,
Do furto e da vadiagem
Que procuravas no mundo.”

## XI

## ATORMENTADA

- Deixem-me, monstros! – pedia
A pobrezinha, a chorar;
Mas os lagartos e as cobras
Puseram-se a gargalhar.

- Deixá-la? – disse o maior –
Teu pedido não nos vence,
Tua vida, Maricota,
Desde muito, nos pertence.

Ajudamos-te a roubar,
A vadiar, a fingir...
Agora, és nossa, bem, nossa,
Não podes escapulir.

- Oh! Que horror! – disse a infeliz.
Ninguém para consolá-la!...
E os monstros a acompanhá-la...

## XII

## SUPLICANTE

Longos dias, longas noites,
Maricota, em aflição,
Atravessou negros vales,
Gritando e chorando em vão.

Precipitou-se em abismos,
Sem esperanças e sem paz,
Chamava, seguindo à frente,
E os monstros seguindo atrás...

Sentiu sede, sentiu fome,
Na jornada em correria...
Quanto tempo a padecer?
Maricota não sabia...

Depois de muita oração,
Na angústia do cativeiro,
Jesus, o Divino Amigo,
Enviou-lhe um mensageiro.

## XIII

## ANSIOSA

Tão logo veio o emissário
De socorro e salvação,
Os monstros, espavoridos,
Mudaram de direção.

A menina, arrependida,
Ajoelhou-e, entre ais,
E exclamou: anjo Divino,
Socorro! Não posso mais!...

Tenho chorado e sofrido,
Atormentada de dor.
Por piedade!  Salvai-me!
Daí-me o Céu do Deus de Amor!...

Fitando de olhar dorido,
O azul e estrelado véu,
Suplicava compungida:
- Daí-me a luz da paz do Céu!...

## XIV

## AMPARADA

O Anjo amoroso afagou-a,

Dizendo com caridade:
- Em nome da Providência,
Devolvo-te a liberdade.

Mas, ouve minha menina:
Se queres luz, agasalho,
Não podes entrar no Céu.
Sem a bênção do trabalho.

Viveste pela maldade,
Sem respeito, sem carinho,
Não ouviste os bons conselhos,
Fugiste do bom caminho.

Aceitas a corrigenda
Do Pai bondoso e perfeito?
Maricota, ajoelhada,
Em pranto, exclamou: Aceito!

## XV

## CORRIGENDA

Foi então que apareceu,
De feia e enorme estatura,
Um zelador de crianças:
O Gigante Mão Segura.

O mensageiro do Cristo
Explicou-lhe: Esta menina
Necessita recolher-se
Aos campos de disciplina.

Até que se regenere,
Dê-lhe recursos de emenda.
Praticou muita maldade,
Precisa de corrigenda.

Nesse instante, Maricota
Foi levada, em aflição,
Para um campo escuro e triste
De serviço e de prisão.